

## FONOLOGIA E MORFOLOGIA: ENANTIOMORFISMO NA "GUALÍN DO TTK" ("LÍNGUA" DO CATETE)

Carlos Alexandre Gonçalves  
Felipe da Silva Vital

### PARA INÍCIO DE CONVERSA

Neste trabalho, propomos uma análise do fenômeno popularmente conhecido como "TTK" (também chamado *gualin*, "língua", e *xarpi*, "pichar"). O fenômeno consiste no mapeamento direita-esquerda (enantiomórfico, portanto) e resulta na criação de uma palavra de uso privado (clandestino, sigiloso), que mantém a sequência segmental ou silábica da palavra-matriz, respectivamente em casos de monossílabos ([‘lɔ.gi] << ‘gol’; [‘ra.bi] << ‘bar’) e multissílabos<sup>1</sup> (‘mesa’ >> [za.’me]; ‘pichar’ >> [ʃax.’pi]; ‘música’ >> [ka.zi.’mu]; ‘vagabunda’ >> [da.bũ.ga.’va]).

O fenômeno apresenta similaridade na França, sendo chamado de *Verlan* (*femme* (“mulher”, pronunciada *fâmm*) >> [‘mẽ.fɛ]; *fête* (“festa”, *fêt(a)*) >> [‘teuf]) e no Peru, conhecido como “*Vesre*” (*marido* >> [do.’ri.ma] ; *playa* >> [‘ja.pla]). Como o *Verlan* e o *Vesre*, o TTK é uma espécie de *argot*, uma vez que constitui forma de linguagem usada por um grupo de pessoas que partilham características comuns, como profissão, procedência ou mesmo identificação ideológica.

1 Com o objetivo de diferenciar monossílabos de não monossílabos, utilizamos o termo **multissílabo** em referência a palavras com duas ou mais sílabas.

Muitas vezes, *argots* se convertem em instrumentos para evitar que as mensagens sejam entendidas por indivíduos estranhos ao grupo. Isso acontece, por exemplo, na fala de meliantes e traficantes, em que o segredo é extremamente necessário, em função da ilegalidade das práticas. No caso do TTK, esse tipo de linguagem surge como gíria comumente usada por *rappers* que atualmente despontam no cenário musical carioca (Stephan Peixoto “Sain”, filho de Marcelo D2, Daniel Shadow e Akira Presidente, por exemplo). O TTK passou a ser mais conhecido na mídia brasileira com humorista Marcelo Adnet, que tornou pública a linguagem num programa de entrevista em rede nacional (*Esquentando*, Rede Globo de Televisão, 2013, apresentado por Regina Casé).

Neste capítulo, que trata de questões de interface fonologia-morfologia, analisamos o fenômeno à luz da Teoria da Otimidade (PRINCE & SMOLENSKY, 1993; McCARTHY & PRINCE, 1993a). Portanto, em função de restrições de fidelidade *input-output* e restrições de boa formação prosódica (as restrições de marcação), argumentamos em favor de um ranking de restrições para esse *argot*, que marca um público majoritariamente jovem, denotando a chamada função indexical dos processos fonomorfológicos (GONÇALVES, 2003). Em primeiro lugar, definimos termos centrais para a análise, como *argot* e enantiomorfismo, além da metodologia utilizada para a coleta do *corpus*; a seguir, apresentamos as principais características do TTK e a análise nos moldes otimalistas.

## METODOLOGIA DA PESQUISA

Os dados da pesquisa foram coletados de conversas espontâneas gravadas com consentimento dos participantes em questão: jovens, homens e mulheres, entre 15 e 30 anos, grupo de amigos mantém entre si a cultura gíriática em situações de interação. Em sua maioria, os participantes são moradores do PREV (Parque Residencial da Estrada Velha), no bairro do Engenho da Rainha, no município do Rio de Janeiro.

Como fonte alternativa de coleta, recolhemos dados de *blogs* e *sites* com a finalidade de abordar hábitos e práticas dos grupos pelos quais mais se veiculam notícias sobre a *gualin do TTK* ou *do Xarpi*, além de músicas e entrevistas de pessoas famosas que conhecem esse *argot* brasileiro, como o ator e humorista Marcelo Adnet e o cantor-compositor Gabriel, o Pensador.

## O TTK COMO ARGOT

Calvet (1994) define *argot* como um tipo especial de linguagem usado por determinado(s) grupo(s) a fim de se obter(em) determinado(s) fim(s) que pode(m) ser aplicado ao sentido ou à forma do constructo. Quanto às motivações, destacam-se (a) desejo de omissão da real mensagem (função críptica), (b) forma de diferenciação em relação a falantes de outras comunidades de fala, constituindo uma marca de identidade própria (função identitária), (c) confecção de caráter cômico falante-ouvinte (função lúdica) e (d) desejo de expressão de valor avaliativo do falante em relação ao referente / ouvinte (função atitudinal, nos termos de Gonçalves, 2011). Das motivações levantadas por Calvet (1994), ao TTK estendem-se de maneira significativa as três primeiras características. Os itens (a) e (b), que estão intimamente ligados no *argot* brasileiro, justificam possivelmente a escolha do nome “TTK” (aplicado à palavra “Catete”, um bairro da zona sul do Rio de Janeiro, com o aproveitamento apenas das consoantes, pronunciadas de trás para frente). Uma das áreas mais influentes para a juventude no Rio de Janeiro nos últimos tempos, o bairro do Catete vem se afirmando como berço de movimentos culturais por ser uma área em que o tradicional se mistura com o inovador:

*“velhos sobrados se misturam a grandes edifícios e às favelas do Santo Amaro e Tavares Bastos. Na vizinha Glória, os travestis passeiam com naturalidade nas ruas em que hotéis e pensões para turistas com orçamentos mais em conta formam o cenário icônico da pixação”* (NOYSEY, [https://noisy.vice.com/pt\\_br/article/uma-historia-oral-do-ttk](https://noisy.vice.com/pt_br/article/uma-historia-oral-do-ttk)).

O TTK, como é falado o nome do bairro no dialeto dos pichadores locais, constitui, ainda de acordo com Noysey, “*uma área apertada entre a abastada Zona Sul, o histórico Centro do Rio e a belíssima e poluída Baía de Guanabara. É o corredor no baile do lado A e lado B carioca*”.

À segunda função de um *argot*, a função identitária, postulada por Calvet (1994), associa-se a *função indexical* das operações fonomorfológicas. De acordo com Gonçalves (2003), tal função diz respeito ao fato de certas operações terem capacidade de prever especificidades sócio-culturais do falante. A linguagem TTK, por estar associada a jovens que participam ou simpatizam com o movimento *rap* nessa região, parece manifestar essa função, uma vez que apresenta tal atributo. Veja-se, a seguir, na música *Gualín*, de Gabriel, o Pensador, como determinadas expressões se realizam em TTK:

Oi, tudo legal? Oi, dotú gal-lê?  
 Meu nome é Gabriel, meu menô é Elbrigá  
 Meu filho é Davi, meu lhofí é Vidá  
 Os nomes nessa língua, os mesnô sané gualín  
 são assim, são sim-a

Se cevô besá larfá sané gualín, lafá bemtâm  
 É de trás pra tefrén, se quiser falar também  
 Se você sabe falar nessa língua, fala também  
 è de tr’s pra frente, se serquí larfá bemtâm

Oi tudo legal? Oi, dotú gal-lê?  
 tá tudo tranquilão, tá dotú lãouitrân  
 tá tudo tranquilão, tá dotú lãouitrân  
 Oi, tudo legal? Oi, dotú gal-lê?  
 Meu nome é Gabriel, meu menô é Elbrigá  
 Meu nome é Gabriel, meu menô é Elbrigá

Quero chocolate, roqué telacochô

Quero chocolate, roqué telacochô  
Macaco quer banana, cocamá quer nanabá  
Macaco quer banana, cocamá quer nanabá  
O macaco quer banana, mas não sabe descascar!

Vou falar um palavrão, vou larfá mu vrãolaprá  
Vou falar um palavrão, vou larfá mu vrãolaprá  
Paralelepípedo, dopepilelerapá  
Paralelepípedo, dopepilelerapá

## ALGUMAS NOTAS SOBRE A NOÇÃO DE ENANTIMORFISMO

Enantiomorfismo é um termo técnico da Física, de um modo geral, e da Ótica, mais especificamente, que consiste, de acordo com a Wikipédia,

*na simetria de dois objetos que não podem se sobrepor. Um exemplo simples de enantiomorfismo é a imagem de um objeto formada no espelho, como o vaso ao lado: uma fotografia direta (frente-a-frente) e uma obtida do espelho, não são iguais. A mesma coisa ocorre com a figura pintada num lado do papel e depois "carimbada" por sua dobra (ilustração). Os objectos e suas imagens, assim como as impressões por dobra, são considerados enantiomórficas.*

(<https://pt.wikipedia.org/wiki/Enantiomorfismo>)

O conceito de *enantiomorfismo*, em se tratando de estudos morfofonológicos, foi usado por Gonçalves (1992) na análise dos processos de aférese e prótese da vogal [a] (‘guentar’ << ‘aguentar’; ‘assujeitar’ << ‘sujeitar’). Os processos constituem, de acordo com o autor, *verso e reverso morfológicos*. A imagem a seguir possibilita visualizar melhor o fenômeno:

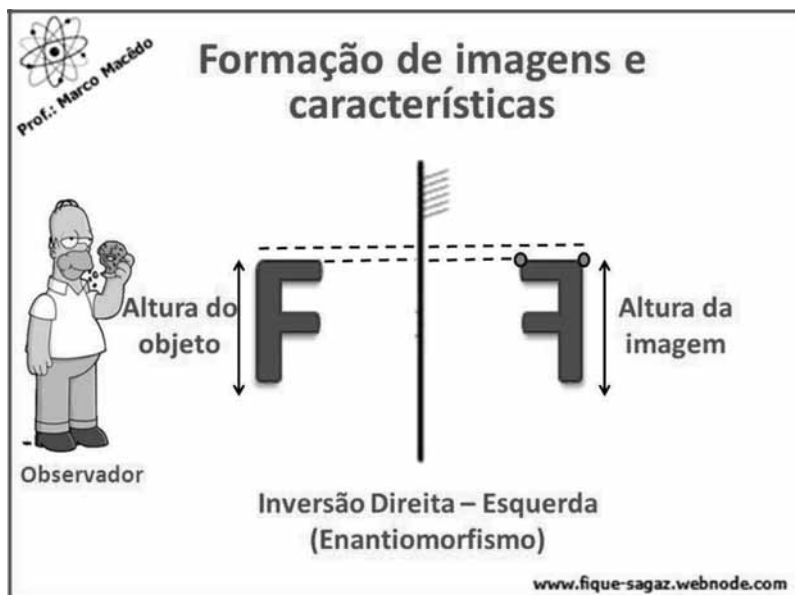


Figura 1: Representação do enantiomorfismo

Entendemos que o TTK constitui exemplo de enantiomorfismo, pois consiste no reordenamento de sílabas ou segmentos no interior de uma palavra, mecanismo que tem sido empregado por certos grupos de falantes já há alguns séculos (RAMIREZ & GONÇALVES, 2013), a julgar pela presença de palavras do *Vesre* numa obra editada por Hidalgo, em 1609, intitulada *Romances de germania de varios autores* (TERUGGI, 1974).

Infere-se, pela definição em destaque e pela **Figura 1**, que o processo consiste em uma releitura de uma palavra, da direita para a esquerda, preservando-se a sequenciação linear das sílabas (multissílabos) ou dos segmentos (monossílabos). Desse modo, o *output* nada mais é que uma leitura em espelho do *input*, como se observa nos dados a seguir:

(01)

café	[fe.'ka]	pichar	[ʃax'pi]
vagabunda	[da.bũ.ga.'va]	mesa	[za.'me]
brotó	[to.'brɔ]	cerva	[va.'sɛx]
beleza	[za.le.'be]	música	[ka.zi.'mu]
gol	[ˈlɔ.gi]	bar	[ˈra.bi]
não	[o.'ẽ]	sol	[ˈlɔʃ]

Nos multissílabos, o TTK aponta para a criação de pés iâmbicos (HAYES, 1995) à direita da nova formação, independentemente de a sílaba final ser ou não marcada (apresentar *onset* complexo ou coda, por exemplo), o que caracteriza o produto sempre como oxítono, a despeito de a palavra-matriz ter ou não acento na última sílaba. Nos monossílabos, ao contrário, são formados pés trocaicos, caso a primeira consoante (que será a última no TTK) não puder ocupar a posição de coda. Nesse caso, há epêntese vocálica, o que leva à produção de dissílabos com proeminência à esquerda ( . \* ), caracterizando pés troqueus. Se considerarmos que o troqueu em questão é o moraico, também os monossílabos resultantes (última linha) podem ser assim categorizados, uma vez que são pesados, por apresentar coda.

Quanto às especificidades categoriais das formas de *output* no TTK, percebe-se que o fenômeno incide preferencialmente em classes lexicais (nome e, em menor grau, verbos). Em relação aos nomes, há de se destacar o padrão flexional desse *argot*: (a) a informação de gênero ocorre internamente, tendo em vista que o *output* é categoricamente oxítono ('garota' >> [ta.ro.'ga]; 'mana' >> [na.'mẽ]); (b) a flexão de número, por sua vez, é periférica ('garotos' >> [to.ro.'gaʃ]; 'amigos' >> [go.mi.'aʃ]), ou seja, apesar de haver inversão, a marcação de plural se conversa na última sílaba, ainda que esta não seja a que continha inicialmente o -s de número.

No caso dos verbos, o fenômeno, por surgir em um contexto de baixa formalidade, segue um paradigma que atua consoante a queda das desinências verbais, nas classes menos escolarizadas.

Isso implica um paradigma verbal dissonante ao que preconiza a Gramática Tradicional (nós/a gente (es)tava >> nós/agente [va.'ta]). Os modos verbais menos utilizados na fala (subjuntivo e imperativo) são evitados em TTK, que figura como um fenômeno mais favorável aos tempos do indicativo.

A forma verbal preferencial em TTK, de acordo com a observação dos dados, é o infinitivo ('pichar' >> [ʃax.'pi]; 'roubar' >> [ba.'xɔ]). Os tempos e pessoas verbais mais harmônicos para esse *argot* são os que se realizam em até três sílabas: o presente, o futuro do presente e os pretéritos perfeito e imperfeito. Um importante fato a se destacar é que, como o plural, todas as formas verbais costumam manifestar-se na periferia direita da palavra, ainda que sejam candidatas a ocupar a primeira posição (margem esquerda) na forma resultante. Esse fato sugere que o fenômeno forma primeiramente palavras e, após a aplicação ao radical ('pichar' >> [ʃax.'pi]), sobre ele se efetua a flexão verbal ('xarpi' >> 'xarpirei'; 'xarpiu'; 'xarpirá'). Nas formas em que há necessidade de elemento de junção, a consoante /z/ é sempre acionada, como, por exemplo, em 'a tegén xarpizava ralgé'.

Na próxima seção, analisamos alguns dados do TTK com base no instrumental de análise fornecido pela Teoria da Otimalidade (TO). Desse modo, procuramos demonstrar que restrições estão em jogo e qual a hierarquia entre elas para que emirjam *outputs* que, apesar de cifrados, possam remeter aos *inputs* correspondentes. Neste capítulo, limitamo-nos à análise dos multissílabos.

## ANÁLISE DO TTK PELA TEORIA DA OTIMALIDADE (TO)

A versão *standard* da TO está em Prince & Smolensky (1993). O modelo surge como resposta à fonologia gerativa clássica (*The sound pattern of English* – SPE, CHOMSKY & HALLE, 1968) e às teorias advindas desse trabalho pelo fato de modelos pós-SPE também proporem um mapeamento *input-output* governado por um componente de regras ordenadas, por conseguinte, de operação em série.



Bem resumidamente, a TO propõe um componente chamado GEN (abrev. do inglês *generator*, “gerador”), que “*produz, para cada input, um contingente de análises candidatas. Desse modo, as realizações de superfície passam a ser vistas como o resultado da melhor satisfação a um ranqueamento de restrições*” (GONÇALVES & PIZA, 2009: 14). Na TO, a relação *input-output* é regulada por dois mecanismos: além de GEN, há EVAL (abrev. de *evaluator*, “avaliador”). GEN, ligado ao *input*, produz uma série de candidatos para EVAL, que, através de CON (abrev. de *constraint*, “restrição”), o conjunto de restrições universais de várias famílias (FIDELIDADE, MARCAÇÃO, ALINHAMENTO), seleciona o *output real*, a forma de superfície.

No âmbito da TO, o *output* ótimo é o que mais bem satisfaz as demandas da hierarquia, não sendo necessariamente perfeito, pois, estando as restrições em permanente conflito, mesmo as formas ótimas são infratores em potencial. Para apresentar e organizar os processos de geração, seleção e avaliação dos candidatos a *output* ótimo, a TO adota uma representação em formato de tabela, denominada *tableau*, padronizada da seguinte forma:

/input/	Restrição <sub>1</sub>	Restrição <sub>2</sub>
a. → cand <sub>1</sub>		*
b. cand <sub>2</sub>	* !	

Quadro 1: Ilustração do efeito de EVAL

No *tableau*, o /input/ (forma subjacente) é posicionado na primeira célula, sendo seguido horizontalmente pelas restrições de CON relevantes à análise. Verticalmente, abaixo do /input/, são apresentados os candidatos ({cand<sub>1</sub>, cand<sub>2</sub>,...}) gerados por GEN (gerador) e avaliados por EVAL (avaliador). A relação de dominância na hierarquia é expressa a partir da segunda célula da esquerda para a direita, ou seja, a primeira restrição do *ranking*, situada à direita do /

*input/*, ocupa o topo da hierarquia e, portanto, é prioritária e qualquer violação a ela pode ser fatal. Ainda no *tableau*, O asterisco (\*) indica a quantidade de violações sofridas por cada candidato enquanto a exclamação (!) assinala que houve violação fatal e, desse modo, demonstra que o candidato foi descartado da competição. Nesse caso, o efeito-sombra, na célula situada à direita do candidato (b), representa a atuação irrelevante da restrição, uma vez que o vencedor, indicado por meio do ícone com o indicador apontado para frente (□), já foi selecionado por R1, restrição mais importante.

Há, nos dados do *corpus*, duas características são importantes nos multissílabos empregados no TTK: (a) o melhor respeito à contiguidade silábica e (b) a menor violação possível na linearidade dos segmentos. Dessa maneira, à luz da TO, duas restrições de fidelidade são relevantes por controlar o enantiomorfismo, marca da *gualín* aqui examinada: **CONTIGUITY- $\sigma$**  (contiguidade silábica) e **LINEARITY** (linearidade).

Nas palavras de McCarthy e Prince (1993b: 291), **CONTIGUITY** é violada “*cada vez que a adjacência de elementos em S1 for rompida em S2*”. Como os dados do TTK evidenciam respeito à contiguidade das sílabas (e não necessariamente dos segmentos da palavra-matriz), seguimos Ramirez & Gonçalves (2013) e especificaremos essa restrição como **CONTIGUITY- $\sigma$** . Essa demanda é fundamental na caracterização do TTK, pois a forma ótima é sempre aquela que não infringe essa restrição, definida da como em (02) a seguir:

(02)

*“Sílabas contíguas em S1 deverão ser também contíguas em S2”, de modo que uma violação ocorrerá cada vez que a adjacência de sílabas for rompida em S2”* (RAMIREZ & GONÇALVES, 2013: 67)

Considerem-se os dados a seguir, com as possíveis inversões silábicas para a forma “música”:

(03)

- mú. zi. ka :: **mu** é contígua a **zi** e **zi** é contígua a **ka**
- a. ka. zi. mu :: **ka** é contígua a **zi** e **zi** é contígua a **mu**
- b. zi. ka. mu :: **zi** é contígua a **ka**, mas **ka** não é contígua a **mu**
- c. ka. mu. zi :: **mu** é contígua a **zi**, mas **ka** não é contígua a **mu**
- d. zi. mu. ka :: **mu** é contígua a **zi**, mas **ka** não é contígua a **zi**
- e. mu. ka. zi :: **ka** é contígua a **zi**, **zi** não é contígua a **mu**

Percebe-se, em (03), que somente a forma com /zi/ na posição originária (segunda, em qualquer direcionamento) preserva integralmente as relações de adjacência entre as sílabas da palavra-matriz, satisfazendo **CONTIGUITY-σ** e, com isso, sendo mais fiel à base. As demais inversões admitem sílabas adjacentes não contíguas, violando, uma vez cada, a determinação feita em (02).

Outra característica do fenômeno, justamente em função de constituir imagem em espelho da forma de *input*, é a natural violabilidade da restrição **LINEARITY**: a inversão de sílabas obviamente leva à perda da linearidade segmental. Por sua vez, esse desrespeito a **LINEARITY** não pode ser fortuito: de acordo com Hume (2001: 19), “*a total perda da adjacência de segmentos tornaria a palavra resultante irreconhecível para o ouvinte, prejudicando sua identificação e, conseqüentemente, sua aceitação na língua*”. **LINEARITY** determina que seja marcada uma violação cada vez que um par de segmentos adjacentes do *output* não estiver na ordem em que figura no *input*. Exemplifiquemos o efeito de **LINEARITY** (LIN) com as possíveis formas candidatas a TTK de ‘droga’:

(04)

- dro. ga  
123 45
- a. ga. dró :: viola uma vez LIN, pois 3 não é seguido por 4  
45 123
- b. ga. dór :: viola três vezes LIN, pois 1 não é seguido por 2, nem 2 por 3, nem 3 por 4  
45 132
- c. go. drá :: viola quatro vezes LIN, pois 2 não é seguido por 3, nem 3 por 4, nem 4 por 5  
43 125

Como se observa em (04), satisfaz LIN da melhor maneira possível a forma que inverte as sílabas, mas preserva a ordem dos segmentos no interior das sílabas trocadas de posição, (b), ‘gadró’.

Uma restrição de marcação sempre satisfeita no TTK e, por isso mesmo, altamente cotada no *ranking*, é iambo (**RhTYPE=I**), tipo de pé métrico com proeminência à direita (. \*) que pode ou não contar peso e, por isso mesmo, apresentar qualquer uma das seguintes configurações, em que os símbolos ∪ e – representam, nesta ordem, sílabas leves e pesadas (HAYES, 1995):

$$\begin{array}{ccc} (. *) & (. *) & (*) \\ \cup \cup & \cup - & - \end{array}$$

(05)

**RhTYPE=I** (Tipo rítmico = Iambo): Pés métricos são iâmbicos (apresentam proeminência final) (PRINCE & SMOLENSKY, 1993: 58). Marque uma violação em cada pé trocaico.

No TTK, sempre emergem *outputs* oxítonos. Por esse motivo, **RhTYPE=I** constitui restrição não dominada. Podemos assumir, por ora, o seguinte ranqueamento, tendo em vista que a inversão é a principal característica do TTK: **RhTYPE=I**, **CONTIGUITY-σ** >> **LINEARITY**<sup>2</sup>. Vejamos o efeito dessa relação de dominância no *Tableu* a seguir, para ‘garota’:

/ga’rota/	<b>RhTYPE=I</b>	<b>CONTIG</b>	<b>LIN</b>
a. [ta.ro.’ga] →			**
b. [ro.ta.’ga]		* !	
c. [ta.ga.’ro]		* !	
d. [ta.’ga.ro]	* !	*	

2 A vírgula (,) representa a não dominância entre restrições e o símbolo >> indica que as demais à direita são preteridas em relação às da esquerda.

e. [ˈta.ro.ga]	* !		
f. [tro.ˈa.ga]	* !	*	***

Quadro 2: Ilustração do efeito de EVAL: ‘garota’

Como se vê, qualquer candidato que despreza as relações de contiguidade entre as sílabas é sumariamente eliminado da disputa (b, c, f). A forma (e) atente **CONTIG**, mas, por acentuar a primeira sílaba, infringe **RhTYPE=I**. Com isso, (a) é o candidato ótimo, ainda que deixe interna a marca de gênero feminino. A hierarquia proposta consegue dar conta também de dissílabos, como se vê a seguir, na avaliação das possíveis realizações para a forma verbal ‘quero’, presente na música de Gabriel, o Pensador:

/ˈkɛro/	RhTYPE=I	CONTIG	LIN
a. [ro.ˈkɛ] →			*
b. [ro.ˈɛk]			**
c. [ˈro.kɛ]	* !		
d. [kro.ˈɛ]		*!	****
e. [rɛ.ˈko]			**

Quadro 3: Ilustração do efeito de EVAL: ‘quero’

Observe-se, nesse caso, que a restrição LIN é fundamental na escolha da forma vencedora, (a), pois os principais rivais subvertem, bem mais que o output ótimo, as relações de adjacência entre os segmentos do input, a despeito de terem dominância à direita (são iâmbicas) e apenas trocarem as sílabas de posição. Dessa maneira, ainda que dominada, essa restrição tem de ser atendida da melhor forma possível, de modo a garantir, minimamente, o rastreamento da palavra-matriz.

Digna de nota, nesta palavra e em outras do TTK, é a presença de *tepes* em sílabas iniciais. Sabemos, desde Mattoso Câmara Jr. (1970), que o único “erre” capaz de aparecer na margem esquerda da palavra é o forte, em suas múltiplas realizações: como fricativa (velar ou glotal) ou como vibrante (alveolar ou velar), por exemplo. Essa peculiaridade do TTK demonstra que ser o mais fiel ao *input* é mais importante que respeitar padrões fonotáticos da língua, como é o fato de violar o restitor \*<sub>PrWd</sub>[r (“*tepes são desfavorecidos em início de palavras prosódicas*”) para garantir melhor acesso à palavra original.

## PALAVRAS FINAIS

Nesta análise preliminar do TTK, procurar descrever as principais características desse *argot*, atentando para as restrições em conflito e interação para que se superficializem formas que, apesar de criptografadas, possam remeter às palavras de origem. Em outros estudos, pretendemos analisar os monossílabos e descrever peculiaridades fonológicas desse *gualín*, como é o caso de, em princípio, partir de formas gráficas (e não de realizações fonéticas) e abrir vogais médias em sílabas acentuadas, ainda que essas vogais sejam originalmente fechadas ([‘lɔ.gi] << ‘gol’). Além disso, pretendemos checar a contigüidade em palavras maiores, como ‘vagabunda’, em que não há a inversão de sílabas parece atuar em função da escansão em pés métricos ([da.bũ.ga.ˈva]). Por ora, encerramos o capítulo destacando que o TTK constitui objeto de estudo extremamente relevante para a análise de questões segmentais e métricas do português.